

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DE CIÊNCIA BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA - LICENCIATURA

LUANA PHEIFER DE OLIVEIRA LIRA

**APONTAMENTOS ACERCA DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NAS DISCIPLINAS
PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO
MARANHÃO.**

São Luís – MA

2019

LUANA PHEIFER DE OLIVEIRA LIRA

**APONTAMENTOS ACERCA DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NAS DISCIPLINAS
PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO
MARANHÃO.**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Me. Tarcísio José de Melo Ferreira.

São Luís – MA

2019

Oliveira Lira, Luana Pheifer de. APONTAMENTOS ACERCA DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NAS DISCIPLINAS PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO / Luana Pheifer de Oliveira Lira. 2019.

38 f.il

Orientador(a): Tarcisio José de Melo Ferreira. Monografia (Graduação) - Curso de Educação Física, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2019.

1. Ambiente educacional. 2. Concepções contemporâneas. 3. Educação Física Escolar. 4. Relação de gênero. I. Melo Ferreira, Tarcisio José de. II. Título.

LUANA PHEIFER DE OLIVEIRA LIRA

**APONTAMENTOS ACERCA DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NAS DISCIPLINAS
PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO
MARANHÃO.**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Tarcisio José de Melo Ferreira (Orientador)

Universidade Federal do Maranhão - UFMA

1º Examinador (a)

Universidade Federal do Maranhão

2º Examinador (a)

Universidade Federal do Maranhão

Dedico a todos aqueles que, por algum, motivo estão se sentindo incapazes de alcançar seus objetivos e realizar seus sonhos. Não desvançam, pois nos revelamos seres surpreendentes justamente nos momentos mais difíceis.

*“Aprendemos quando compartilhamos
experiências”.*

John Dewey

AGRADECIMENTOS

A Deus, o criador de todas as coisas, que sempre me ajudou mostrando-me o caminho correto com as decisões quase sempre certas, por ser quem eu sou e por tudo que superei nessa vida. Obrigada meu Deus, sou eternamente grata por tudo, mesmo quando as portas se fecharam, você nunca deixou de ser Deus.

A minha família e amigos, em especial meus pais, Josefa e Paulo, por me ajudarem e me apoiarem durante toda a minha vida, não sendo diferente na graduação. Agradeço mais ainda ao meu irmão Paulo Junior, por sempre ter me apoiado nas minhas decisões, mesmo nem sempre estando certa ele não me deixou desvanecer. Não consigo descrever o amor que sinto por vocês.

Agradeço muito quem me ajudou a chegar aqui, meus amigos que me apoiaram em todos os momentos e até mesmo quem me abandonou, eu me tornei mais forte. Ao meu companheiro de vida Pedro Ivo, por ter me ajudado nessa trajetória e compreendeu minha ausência durante todo esse tempo. Ao meu filho Ycaro, meu amor por você é incondicional.

Ao meu honorável orientador Prof. Me. Tarcisio José, que desde o princípio se mostrou disposto a desenvolver juntamente comigo este trabalho monográfico. Suas orientações foram fundamentais para chegar aqui.

Agradeço a todos que contribuíram para esse êxito, sem vocês esse sonho não teria se tornado realidade, sem deixar de me vangloriar, sou uma mulher maravilhosa e lutei muito, mereço isso.

OBRIGADA!

RESUMO

O presente tem como objetivo apresentar conceitualmente os entendimentos quanto a relação de gênero no ambiente escolar com suas conquistas e desafios enfrentados no cotidiano educacional, sobretudo voltados para a participação de ambos os sexos nas atividades escolares de Educação Física. Esse estudo surgiu através de observações empíricas realizadas na disciplina Educação Física no Ensino fundamental, tendo em vista que o curso de licenciatura tem disciplinas onde a “prática pedagógica” compõe parte dos componentes curricular obrigatoriamente. A relação de gênero é algo que perpassa pelo conhecimento e compreensão das relações históricas que envolvem a área e as principais concepções contemporâneas numa perspectiva de perceber como tem se dado tal situação no ambiente educacional a começar pelo ensino fundamental, de maneira que compreende um espaço etapa da vida escolar e de indivíduos em formação de suas personalidades e definições de comportamento social. Perfazendo-se no conhecimento de principais conceitos relacionados a temática, de compreender e refletir sobre tais no cenário atual. Assim, trata-se de um estudo descritivo, fenomenológico e hermenêutico realizado nas bases de dados em periódicos, revistas científicas e bibliografias afins. Para tanto, percebe-se do quanto a temática já ocupa um espaço de discussões salutar na atualidade, embora ainda sobre uma forte influência construída historicamente e enraizada na sociedade sobre a participação das meninas nas aulas de Educação Física, em que estas são consideradas menos habilidosas para a prática esportiva quando comparadas aos meninos, e a sociedade, assim como a escola acabam por reforçar mais ainda essa superioridade masculina. Contudo, as relações de gênero nos diferentes conteúdos da Educação Física Escolar se apresentam como diversificação e interfere nas relações de gênero durante as aulas e acabam que não são díspares quanto ao objetivo da educação e suas aprendizagens, no que demonstram mais confiança nas próprias capacidades e habilidades corporais femininas em detrimento do sexo oposto.

Palavras-chave: Relação de gênero. Educação Física Escolar. Concepções contemporâneas. Ambiente educacional.

ABSTRACT

The present aims to present the concepts about the gender relationship in the school environment with its achievements and challenges faced in the educational daily life, mainly focused on the participation of both sexes in school activities of Physical Education. This study emerged through empirical presentations made in the Physical Education in Elementary School, with a view to the subject licensing course where a “pedagogical practice” is part of the curricular components. A gender relation is something that goes through the knowledge and understanding of the historical relations that involve an area and as main contemporary conceptions in a perspective of perceiving how it has given such situation in the educational environment starting with the elementary school, in a way that it plays in a certain space. of school life and the individuals in formation of their personalities and definitions of social behavior. Piercing without knowledge of the main concepts related to the theme, to understand and reflect on such scenarios at the moment. Thus, it is a descriptive, phenomenological and hermeneutic study conducted in the databases of journals, scientific journals and related bibliographies. Therefore, we can see how much the theme already occupies a space of healthy discussions today, although it is still a strong historical and rooted influence in society on the participation of girls in physical education classes, in which they are less active for the school. sports practice when compared to boys, and society, as well as school ended up further reinforcing this male superiority. However, as gender relations in the different contents of School Physical Education present differences and interfere in gender relations during classes and finishes that are not separated as to the purpose of education and its learning, none that shows more confidence in the tests. and female corporate skills to the detriment of the opposite sex.

Keywords: Gender relation. School Physical Education. Contemporary conceptions. Educational environment.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 GÊNERO, EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA.....	14
2.1 Educação e relação de gênero	17
2.2 Conteúdos da Educação Física e as possíveis implicações nas relações de gênero	20
3 ESPORTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA	22
3.1 Meninos e meninas na aprendizagem.....	24
3.2 Novas aprendizagens corporais.....	26
4 METODOLOGIA	32
4.1 Tipos de estudo	32
4.2 Período do estudo	33
4.3 Instrumento de coleta de dados	33
4.4 Análise dos dados.....	33
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS.....	36

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo surgiu através de observações empíricas realizadas na disciplina Educação Física no Ensino Fundamental - EFEF da Universidade Federal do Maranhão no campus Bacanga, tendo em vista que o curso de licenciatura tem disciplinas em que a prática é um componente curricular obrigatório.

Nesse sentido, foi observado que os alunos do 6º de uma escola municipal de São Luis-MA se dividiam “naturalmente” entre meninos e meninas em qualquer atividade realizada e quando era pedido pelos alunos da disciplina que realizavam a denominada prática pedagógica que juntassem as mãos, os mesmos se recusavam. Os meninos não queriam pegar nas mãos das meninas e vice-versa, desde então comportamentos como esse e ou parecidos foram observadas em diversas outras disciplinas práticas e em diferentes turmas.

Considerando essas observações, faz-se necessário o entendimento das relações entre sexos opostos no ambiente escolar quanto a convivência dos estudantes, chamada de questão de gênero na escola, buscando na literatura conceitos e apontamentos.

A influência da sexualidade é manifestada em todas as fases da vida do ser humano, desde o nascimento além da morte. Entendendo-a de uma ampla perspectiva ela não se limita somente no ato sexual e sim diferencia o homem da mulher. Segundo Silva (2012) o sexo feminino e o masculino se constroem a partir das relações sociais, em nenhum momento em separados, numa direta relação com o outro. Não em oposição, mas em articulação com outras categorias, dentre as quais, como classe, etnia, religião. O que denota, segundo a autora acima, a entender a princípio, que é preciso desconstruir a polaridade rígida dos gêneros afirmado e reproduzido historicamente.

O entendimento dessas relações entre sexos opostos no ambiente escolar tem sido pauta de acaloradas discussões quanto ao mérito da temática desde sua aplicabilidade educacional no Ensino Fundamental. As contribuições quanto ao conteúdo de gênero nas aulas de Educação Física Escolar fazem-se necessárias, como aspectos diretos de proposições sobre a prática na Educação Física, como fim. Em que vale pautar-se das contribuições desta, no processo de construção do conteúdo gênero.

Para tanto, é desta forma que o espaço educacional pode tratar essa situação em provocando os estudantes e lhes possibilitando potenciais soluções em conformidade com os pensamentos da atualidade quanto à temática, de forma a mudar os paradigmas e pensamentos sociais, se assim for necessário.

A pesquisa conta com o seguinte objetivo geral: Apresentar conceitualmente os entendimentos quanto a relação de gênero no ambiente escolar com suas conquistas e desafios enfrentados no cotidiano educacional, sobretudo voltados para a participação de ambos os sexos nas atividades escolares de Educação Física. E de forma específica: Conhecer as compreensões de relação de gênero no ambiente educacional; Compreender sobre as principais limitações e desafios nas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental; Pontuar as diretrizes educacionais em potencial para o enriquecimento do debate e construção do processo de ensino e aprendizagem com essa temática.

Em que se volta para responder ao questionamento de: Como e quais as implicações envolvem a relação de gênero na prática de Educação Física no Ensino Fundamental?

Para tanto, a pesquisa se volta de forma metodológica de um estudo descritivo, fenomenológico e hermenêutico realizado nas bases de dados em periódicos, revistas científicas e bibliografias afins. Assim, percebe-se do quanto a temática já ocupa um espaço de discussões salutar na atualidade, embora ainda sobre uma forte influência construída historicamente e enraizada na sociedade sobre a participação das meninas nas aulas de Educação Física, em que estas são consideradas menos habilidosas para a prática esportiva quando comparadas aos meninos, e a sociedade, assim como a escola acabam por reforçar mais ainda essa superioridade masculina.

Contudo, as relações de gênero nos diferentes conteúdos da Educação Física escolar se apresentam como diversificação e interfere nas relações de gênero durante as aulas e acabam que não são díspares quanto ao objetivo da educação e suas aprendizagens, no que demonstram mais confiança nas próprias capacidades e habilidades corporais femininas em detrimento do sexo oposto.

Assim, conta com a base bibliográfica fundamentada em dentre outros autores, de: Deive *et al.* (2011), Vianna e Finco (2009) e Jaco (2012), que versam sobre a temática com propriedade e se somam entre si na fundamentação do campo

de estudo.

A estrutura da pesquisa se encontra dividida em primeira seção com a introdução ao trabalho, seguido pela seção de Gênero, Educação e Educação Física; se segue em Esporte nas aulas de educação física; Na quarta seção tem a metodologia e na última seção se encerra com as considerações finais.

2 GÊNERO, EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA

O gênero, como o compreendemos, é um dispositivo cultural, constituído historicamente, que classifica e posiciona o mundo a partir da relação entre o que se entende como feminino e masculino. É um operador que cria sentido para as diferenças percebidas em nossos corpos e articula pessoas, emoções, práticas e coisas dentro de uma estrutura de poder.

Para Meyer (2003, p. 15):

Como construção social do sexo, gênero foi (e continua sendo) usado, então, por algumas estudiosas, como um conceito que se opunha a - ou complementava a - noção de sexo e pretendia referir-se aos comportamentos, atitudes ou traços de personalidade que a cultura inscrevia sobre o corpo sexuado. [...] Nesse contexto, o conceito de gênero passa a englobar todas as formas de construção social, cultural e linguística implicadas com os processos que diferenciam mulheres de homens, incluindo aqueles processos que produzem seus corpos, distinguindo-os e separando-os como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade.

Portanto, comportamentos masculinos e femininos não são dados pela natureza, mas são construídos socialmente. Logo, há várias formas de ser homem ou de ser mulher, de ser menino ou de ser menina, dependendo do contexto, do momento histórico, das culturas e do espaço geográfico em que se encontram homens e mulheres.

Pode-se afirmar segundo Scott (1995, p. 86), que:

Gênero pode ainda, dentro das conceituações elencadas, ser entendido como uma construção das relações sociais fundamentadas nas diferenças sexuais que estabelecem uma relação de poder entre homens e mulheres. Desta forma pode-se afirmar que gênero, portanto, é compreendido como uma categoria relacional, permitindo a compreensão das relações sociais entre homens e mulheres, como estas estão organizadas em diferentes culturas, sociedades e épocas.

Dessa maneira, muitas vezes o gênero foi sinônimo de poder. O homem era considerado o mais forte e a mulher, mais frágil, portanto, deveria obedecer, ou seja, sempre acabava por ser inferiorizada. As diferenças percebidas entre o corpo feminino e o masculino foram transformadas em desigualdades, através de um processo histórico e cultural, cujo resultado foi a naturalização de vários estereótipos de feminilidade e de masculinidade.

Altmann (1999, p. 70) é uma das autoras que trata do assunto:

A imagética social, ao alocar papéis sexuais diferenciados para homens e mulheres, induz à estereotipia sexual, ou seja, induz a entendermos que para cada sexo existem comportamentos pré-determinados, e isso termina refletindo principalmente quando a criança chega à escola. E sendo gênero uma categoria relacional, há de se pensar sua articulação com outras categorias durante aulas de educação física, porque gênero, idade, força e habilidade formam um "emaranhado de exclusões" vivido por meninas e meninos na escola.

Logo, as representações sociais, os comportamentos de homens e mulheres, as suas atitudes e seus pensamentos são construídos, determinados e moldados pela sociedade a que pertencem e não pela biologia ou pela carga genética que cada um herdou. São todos frutos de construções culturais adotadas ao longo do tempo.

Conforme Auad (2006, p. 21):

Gênero não é sinônimo de sexo masculino e feminino, assim também como as relações de gênero correspondem ao conjunto de representações construídas em cada sociedade, ao longo de sua história, para atribuir significados, símbolos e diferenças para cada um dos sexos.

O esporte na Educação Física trata de atividades de movimentação corporal, disciplina de tarefas, de organização coletiva, desempenho individual, dentre outros aspectos que também estão inseridos de forma direta na educação ou no processo de ensino-aprendizagem escolar.

São as atividades esportivas que envolvem estudantes, de ambos os sexos, que fazem parte do interesse de pesquisadores internacionais, alinhados a área de sociologia do esporte. Desta forma registra nos últimos tempos um crescente aumento da presença feminina nas mais variadas modalidades esportivas, desde o ambiente escolar as competições oficiais.

E assim, segundo alguns autores como Mcdermott (2000), Garret (2004) e Hills (2007) argumentam entre si em suas obras que os esportes e as atividades físicas podem ser elementos de “empoderamento” (do inglês *empowerment*) tanto físico quanto social para as mulheres em diversas faixas etárias.

Na concepção de Garret (2004), na relação esportiva escolar deve-se levar em consideração fundamental o efeito da aquisição de uma fisicalidade (*do inglês physicality*) por parte das meninas. Algo possível a partir de práticas corporais e esportivas.

Nesse sentido, ainda conforme a autora acima, a ideia de que um estilo de vida fisicamente ativo pode desenvolver nas meninas uma ideia de fisicalidade, logo também pode torná-las “empoderadas” no aspecto corporal e social.

Portanto, trata-se de elevar a participação ativa das mulheres nos espaços sociais, desde o iniciar no ambiente escolar como base dessa conquista feminina, ante o histórico de somente os homens, enquanto sexo dominante, poderem praticar esportes.

Quanto a terminologia inerente a esse campo de atividade, denominado de *physicality*, volta-se para a compreensão em ser uma ferramenta epistêmica com proposição iniciada pela pesquisadora McDermott (2000) com objetivo de apoiar no entendimento dos caminhos das experiências que envolvem mulheres com seu próprio corpo através da prática de atividades corporais variadas. Nesse sentido, do ponto de vista conceitual essa terminologia teve início em seu uso na literatura sociológica do esporte.

Do ponto de vista de entender a definição de gênero, em conformidade com Ximenes (2000, p. 469), significa ser um “conjunto de espécies que possuem caracteres comuns [...] categoria que, por meio de desinências, distingue as palavras em masculinas, femininas ou neutras”. O que denota tratar-se do agrupamento de algo que possui características em comum, ou seja, os aspectos homogêneos que são próprios de uma espécie.

Assim, no tocante a expressão gênero, nas palavras de Luz Junior (2003), faz referência direta a relação da construção social de sexo, logo segundo o autor não é apenas o sexo biológico que diferencia os homens e mulheres.

E desta forma, os aspectos sociais e culturais envolvem o indivíduo em sua construção histórica. Nesse sentido, vão ao encontro dessa definição as considerações de Altmann e Souza (1999) em que o conceito de gênero vai além das diferenças de sexo.

Estas autoras, por último citadas, permanecem afirmando que vai além da definição biológica a chamada “questão de gênero”. Em que tal situação se relaciona

com a classificação de outras categorias, sejam pessoas que de forma geral não são vistas somente pelo sexo que a define.

São, desta maneira classificadas em diversas categorias, como, por exemplo, de sua idade, etnia, entre outras. Situação que ganha respaldo também nos espaços sociais, desde a escola a aula de Educação Física, propriamente dita.

Nas atividades de educação física escolar, com base no histórico de suas práticas, tais atividades eram próprias em ter mais homens ou somente homens como praticantes por aceitar a forma de masculinidade hegemônica com sua representação de força física, agressividade, bem como pelo poder corporal, desenvolvidos, sobretudo em esportes de confronto físico.

Desta forma, quanto a fisicalidade alinhada ao que as autoras acima citadas comentem que parte do norte argumentativo de que não é uma condição vivida apenas pelos homens esportistas, tão pouco está, de fato, ligada somente aos aspectos que envolvem a força física e agressividade.

O uso do termo fisicalidade nas pesquisas com mulheres praticantes de esportes e atividades físicas diversas, leva em consideração tratar-se de uma combinação de pelo menos três características marcantes, sejam: o agenciamento, autocontrole corporal e presença física (JACO, 2012).

Voltado para entender essa relação de gênero, educação e educação física, alguns estudos importantes no Brasil expõem o significado epistêmico de gênero começado pelos anos de 1980.

O que afirma nesse propósito Saraiva (2002) ao expressar a preocupação central dos pesquisadores impulsionados, a princípio, com movimentos feministas em torno do interesse na diminuição de poder nas relações entre ambos os sexos.

2.1 Educação e relação de gênero

As aulas de Educação Física, tem um significado muito salutar quanto a relação das mais simples formas de se movimentar em atividades corporais físicas, com cunho educacional, sobretudo no ambiente escolar.

Com vista ser por meio dessas atividades a possibilidade de o praticante obtenha muito mais elementos do desenvolvimento em geral do que meramente o desenvolvimento motor, ter o praticante a apreensão de conhecimentos, bem como de concepções de valores, além de autonomia no agir reflexivo. São dentre outras,

situações consideradas indispensáveis para a vivência em sociedade.

Assim, a relação de gênero tem na educação o espaço para fluir e servir de exemplo para a sociedade com vista essa premissa, de poder ser fundamental quanto a participação de ambos os sexos nos aspectos educacionais e de atividades físicas considerando como iguais nas suas capacidades físicas e psíquicas.

Vianna e Finco (2009) ressaltam a importância de todos os alunos poderem participar das aulas de Educação Física, logo é por meio destas que estes poderão vivenciar as experiências com potencial de servir como base nos desafios futuros. Sobretudo no que concerne a se tornarem pessoas capazes de produzir, reproduzir, além de transformar a sociedade ao qual faz parte como cidadão de direitos e deveres aceitos, reconhecidos e praticados.

Nesse campo, o educador pode oportunizar aos educandos o desenvolvimento de suas potencialidades. Uma vez que a este profissional é confiado a condução do processo educacional ou mediação, em outra terminologia mais atual. E com isso, possibilita a democratização do acesso às práticas corporais realizadas no ambiente escolar como uma extensão da sociedade, e que serve de exemplo geral.

Voltados para esse entendimento, Devide *et al.* (2011) registra que o educador tem o papel de facilitador para “garantir” a inserção dos alunos nesse espaço de reflexão. Sua atuação como mediador propicia a apropriação reflexiva dos conhecimentos intencionais da escola.

Ainda, há um outro aspecto a ser considerado nesse contexto é a participação direta dos alunos nas atividades que não deve ser destituída de uma reflexão teórica crítica quanto ao papel de si e do outro nas relações que nelas se estabelecem.

É na sala de aula que percebemos esse ambiente como espaço acessível de interação e respeito mútuo, sobretudo deve constituir-se como efetivos no que tange ao aprendizado educacional e a cidadania.

Conforme Pereira e Devide (2008, p. 1) os professores/as tem como dever realizar as atividades ligadas a uma proposta coeducativa e efetiva em que leva em consideração sugestões didáticas que minimizem a hierarquia de gênero nas aulas de Educação Física escolar. Para isso deve-se:

Dividir os alunos/as em grupos equilibrados em relação às habilidades motoras, força e velocidade, e para os jogos, designar quem tem mais habilidade, força ou velocidade, para marcar quem é mais habilidoso, forte ou veloz da outra equipe. Modificar as regras de tal forma que dois sucessivos chutes a gol não possam ser dados por jogadores do mesmo gênero. Cada tentativa a gol terá uma intervenção precedente do jogador de outro gênero (o menino passa a bola e a menina tenta a finalização a gol, ou vice-versa).

Segundo os autores acima, dentre outras situações, essas ações devem ser levadas a cabo de modo a evitar situações como a de relacionar as meninas por último. E ainda de escolher apenas os meninos para fazer demonstrações, designar apenas os meninos para capitães da equipe, dirigir atenções preferencialmente a eles.

Com isso, ainda é salutar afirmar que se devam evitar piadas e linguagem com conotações sexistas. Dentre as quais podemos citar: exemplo, marcação de “homem-homem” em jogo de mulheres.

Nesse aspecto, o desejado é utilizar estratégias de modelação, como em mostrar registros e fotos, por exemplo, de desempenho de jogadoras de futebol e demais modalidades de esporte que exige contato físico corporal intenso.

Corroborando Costa (2002) quanto a relação de gênero nos esportes em que se deve considerar que a Educação Física terá efetiva atuação na formação dos estudantes nas suas práticas pedagógicas. Tendo em vista a possibilidade de esses estudantes ter o devido acesso a vivências co-participativas.

O que significa que meninos e meninas terão atuação em conjunto e em pé de igualdade. Embora se tenha percebido, de fato, que há uma abissal e antagônica diferença entre a teoria e os avanços práticos nesse campo nas últimas décadas, ou seja, a realidade ainda permanece indiferente quanto ao que se considera correto em termos científicos das últimas pesquisas nessa área.

Para tanto, na concepção de Queiroz *et al.* (2007) a observação que se moldou a uma técnica científica a partir do momento em que passa por sistematização, com planejamento e controle da objetividade.

E assim, não se pode observar quanto à Educação Física na escola pode contribuir muito e tende a ser valorizada nas relações de gênero justa e assertiva conforme o espectro científico.

2.2 Conteúdos da Educação Física e as possíveis implicações nas relações de gênero

Os conteúdos relativos à Educação Física escolar têm nas diretrizes nacionais sua base. Trata-se de conhecimentos formulados em torno do tema e ideias fundamentadas da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996).

Esta lei, embora muito ampla, historicamente defende uma educação participativa, democrática e contemporânea, portanto, tem suas contradições no tocante as possibilidades de reflexão e construção de uma escola comprometida com a cidadania.

Ainda permite interpretações que dão vazão a aspectos como da rejeição e de exclusão de indivíduos que adotam a garantia dos direitos e deveres da cidadania, bem como da política da igualdade, solidariedade e ética da identidade desses indivíduos inseridos no processo educativo.

Simone de Beauvoir apresenta como mantra a expressão: Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. E nesse meio, a filósofa acima, estabelece o conceito de gênero; esse entendimento tem segundo Connel (1995) apud Hills (2007, p. 189) uma definição que reflete tal filósofa: “o gênero é [...] a forma pela qual as capacidades reprodutivas e as diferenças sexuais dos corpos são trazidas para a prática social e tornadas parte do processo histórico”. No gênero, a prática social se dirige aos corpos. Através dessa lógica, as masculinidades são corporificadas, sem deixar de ser sociais.

Nesse caso, o grupo considerado feminino em detrimento do masculino se constrói de certo em conjunto e dentro de relações sociais. Portanto, não separados quando relacionado um ao outro no processo social de formação de ambos.

Segundo Jaco (2012) não existe uma oposição entre os sexos quanto as suas capacidades de realização de atividades afins com a Educação Física escolar. Quando na articulação com outras categorias, seja de classe, de etnia ou mesmo religião, por exemplo. O que compete desconstruir a polaridade rígida dos gêneros nesse campo social.

Para Britzman *apud* Louro (1997, p. 26) “é fundamental recolocar no debate a relação de gênero no campo do social e plural”. Quando a concepção dessa relação de gênero remete às feminilidades e as masculinidades.

Nessa linha de pensamento, a escola deve se incumbir de servir de base que espelhe na sociedade de suas orientações sociais. O que exige a desconstrução da polaridade existente. Logo as masculinidades e feminilidades são plurais. São para compreender que os sujeitos podem exercer sua sexualidade de diferentes formas. Conforme o que definem em ser “viver seus desejos e prazeres corporais” das mais variadas maneiras.

Para tanto, a escola deve compreender que seu norte é lei vigente. E ainda das diretrizes educacionais na área a ser levado a cabo junto ao público em questão. Em que tem nesse aparato jurídico e didático brasileiro do conceito de gênero e sua importante relação com atividades esportivas que considera páreo essa relação.

Assim, pode-se notar que há várias formas de aplicação nas aulas de Educação Física que podem influenciar nas relações desenvolvidas entre os praticantes de ambos os sexos. Portanto, trata-se de garantir de ter aulas separadas por sexo, bem com aulas mistas e ainda aulas co-educativas¹, como forma de educar para esse propósito.

¹ Adjetivo feminino singular de coeducativo, relativo à coeducação: educação conjunta para pessoas dos dois sexos.

3 ESPORTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

O esporte nas aulas de Educação Física representa a aplicação de atividades teórica e prática que visam elevar a autoestima dos praticantes, trabalhar e aprimorar o seu desenvolvimento neuromuscular, bem como de forma geral garantir uma vida saudável

Campos *et al.* (2008) adverte que antes de fazer conhecer a importância da Educação Física Escolar é importante perceber ou diagnosticar como a sociedade é marcada por exclusões, dentre as quais destaca-se a questão de gênero, ou disparidade entre os participantes em conjunto, de ambos os sexos, sobretudo nas atividades práticas.

Logo, nesse aspecto é entendido que a construção social vivenciada é dada pela cultura estabelecida no contexto social. E que a sociedade elege tal situação como aceita culturalmente em relação a homens e mulheres, como uma categoria sexual socialmente construída.

Nas palavras de Silva, Gomes e Queirós (2006) o reconhecimento da importância de ter em patamares de igualdade na participação em atividades práticas de educação física escolar de ambos os sexos em paridade. Como mostra a figura abaixo.

Figura 1



Constata-se nesse sentido, em conformidade com Cruz e Palmeira (2009) que a percepção do valor das relações de gênero nas atividades esportivas existe de forma que recebe um tratamento diferenciado dos meninos em detrimento das meninas.

E nisso a disciplina de Educação Física na maioria das vezes auxilia na consolidação de conceitos equivocados, tornando esse espaço propício para a manutenção de estereótipos excludores e pejorativos às meninas.

Sendo que nessa linha de pensamento, considerado retrógrado para os tempos atuais, permanece incutido na cultura da sociedade a pseudo-superioridade masculina, como se de fato os meninos apresentassem sempre maior desenvoltura no desenvolvimento de atividades físicas, com aposta nos arranjos motores e pela prática constante desde infância, posto em vista a situação social das meninas.

Dando ênfase a situação de gênero e Educação Física, Nogueira e Rodrigues (2008) salienta que a Educação Física é uma disciplina que no ambiente escolar diferencia-se das demais do currículo escolar quanto à formação de turmas. Sendo que ao verificar a separação dos alunos por gêneros masculino e feminino, têm uma atitude tida como segregadora, bem como discriminatória.

Nessa perspectiva, entende-se que à medida que continua reproduzindo os preconceitos sociais culturalmente aceito na sociedade, tem-se aí o desafio de quebra de paradigma social ao ser iniciado na escola junto ao público social que se volta para aprender, os alunos.

Altmann, Ayoub e Amaral (2011) destacam que durante algum tempo essa separação de gênero nas atividades físicas e diferenças eram consideradas inatas e decorrentes de razões biológicas. E que as pesquisas sobre o gênero contribuíram para compreender como estas são histórica e socialmente construídas. Como ilustra a figura a seguir.

Figura 2.



Fonte: <http://edicaodigital.folha.uol.com.br/index.html#/login>

O que leva o desafio de repensar práticas até então tidas como “normais” dentro desta área de conhecimento para gestores e profissionais de Educação no sentido de modificar, primeiro a maneira de pensar a Educação Física com presença igual de pessoas de ambos os sexos.

E, além disso serve para estimular a prática dessas atividades com respeito a igualdade de gênero nesse espaço como fomentador de uma concepção social mais adequada ao tempo hodierno.

3.1 Meninos e meninas na aprendizagem

A compreensão da relação entre meninos e meninas na Educação Física tem estreito entendimento com o conceito de gênero, logo a partir das aulas separadas por sexo, estas são parte da construção do processo histórico da Educação Física.

Segundo Silva (2012) essa separação tem origem, sobretudo na introdução da proposta esportivizada. O que corrobora historicamente Bracht (1999), ao afirmar que a proposta visa tão somente o esporte e suas características técnicas e físicas.

Para tanto, nesse sentido, e em conformidade com os autores acima, essa participação diferenciada entre meninos e meninas nas aulas, interfere no aprendizado educacional, uma vez que tais experiências e situações de

aprendizagens consideradas novas deixam de ser trabalhadas de igual forma. A título de exemplo, da ginástica e da modalidade do atletismo, que compreende a prática sem diferenciação de gênero.

Nas palavras de Jesus e Devide (2006), bem como Dornelles (2011), expõem que nas aulas práticas os meninos são mais competitivos, em detrimento das meninas que se recusam a participar da vivência por motivos de estética.

Assim, a percepção de que existe mais e maior participação do gênero masculino nas aulas de Educação Física, leva a reflexão da diferenciação em função do gênero. Além disso, tal diferenciação ganha reforço pela escola e pelos professores ao afirmarem que as meninas em detrimento aos meninos são incapazes na realização de atividades motoras (DORNELLES, 2011).

Para tanto, Jesus e Devide (2006) registra que essa separação tem mostrado a possibilidade de amenizar tal situação, com a intervenção do docente nas atividades de maneira profissional. Desta forma, é importante reforçar a existência relação de similaridade entre ambos os sexos, rechaçando a separação das meninas e dos meninos nas aulas de Educação Física.

Nesses espaços, observam Jesus, Devide (2006) e Dornelles (2011), acontecem situações de violência nas aulas mistas, com menor socialização, bem como auto exclusão por parte das meninas. O que denota entender delas sentirem-se diminuídas perante o sexo masculino, declarando que os meninos são mais habilidosos e que as meninas não sabem jogar, não têm habilidades e não dominam as técnicas e os fundamentos esportivos.

Desse modo, Cruz e Palmeira (2009) frisam a divisão por sexo nas aulas de Educação Física com comprovação de outros estudos há motivos que levam os professores a separar meninos de meninas, com argumentos pautados nas diferenças de habilidades e força existente entre gêneros.

De todo modo, um aspecto fundamental a ser observado nessa situação é o fato das aulas de Educação Física acabarem fortalecendo padrões e estereótipos de gênero, produzindo sujeitos masculinos e femininos, afirmando a existência e o predomínio de uma tradição biológica e tecnicista arraigada na história e nas práticas da Educação Física, sendo percebida nas atividades escolares, na quais prevalecem à prática desportiva e a divisão das atividades entre meninos e meninas (DORNELLES, 2011).

A escola enquanto formadora da sociedade contribui para que perdue

uma divisão sexista, permitindo a transmissão de valores de discriminação, colaborando de forma direta com essa triste realidade, não atuando, na maioria das vezes, como intermediadora para transformá-la (CAMPOS *et al.*, 2008).

Assim, as aulas de Educação Física com separação por gênero ou mesmo a exclusão das meninas nas atividades, são muitas vezes pautadas no argumento de que estas possuem menos habilidades e força do que os meninos.

As relações de gênero nas aulas de Educação Física, têm desta maneira sob a ótica de educadores como Altmann *et al.*, (2011) a concepção de que os meninos são mais habilidosos para a prática esportiva e para jogos coletivos, enquanto grande parte das meninas não se envolve com a mesma intensidade nessas práticas, pois não desejam suar e querem manter-se arrumadas, embora isso seja também relacionado a um paradigma possível de reinvenção. Para tanto, logo trata-se de concepções.

Portanto, vale salientar que o currículo escolar é entendido aqui como uma narrativa possível, logo, essa narrativa tem em alguns grupos o apoio social que incorre no risco da manutenção do pensamento hegemônico de “fraqueza” das meninas nas aulas de Educação Física.

Segundo Jesus e Deive (2006) a co-educação tem uma abordagem metodológica na Educação Física. O que contribui para entender o desporto e atividades físicas na relação de gênero, para combater o sexismo, livrando os alunos e alunas da imposição do que cada sexo pode praticar ou vivenciar as práticas corporais em pé de igualdade.

3.2 Novas aprendizagens corporais

Novas aprendizagens corporais na Educação Física escolar, ganham espaço a cada dia conforme os resultados que vem mostrando a partir de práticas e estudos inovadores inerentes a esse campo.

Ressalta-se que o embate da igualdade de gênero nas aulas de Educação Física se apresenta como uma tarefa complexa. Para Silva (2012) tais diferenças entre homens e mulheres se encontram enraizadas historicamente em todas as esferas da sociedade e são muito enfatizadas nas aulas da disciplina em uma perspectiva conservadora.

Igualmente, destaca-se que a partir da intencionalidade pedagógica do professor em suas atividades desenvolvidas na escola com os estudantes, consegue-se problematizar o tema e debater esses estereótipos de relação ordeira e de entendimento das diferenciações e não limitações que compete o gênero das pessoas envolvidas, e assim, de poder alcançar os resultados propostos (ALTMANN *et al.*, 2011).

Assim, a compreensão da Educação Física no tocante as questões de gênero e as proposições de implementação das atividades relacionadas a proposta de intervenção à pedagógica mais assertiva, com vista no embasamento bibliográfico contemporâneo vem a calhar como chave para ter essa relação mais construtiva.

O que para Silva (2012) ganha expressão ao expor a separação da proposta esportivizada, a educação e suas correlações, tomando como base os Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação Física, além de levar a cabo a relevância da área para todos. Ou seja, a Educação Física escolar como oportunidades para o desenvolvimento das potencialidades dos alunos, por meio de maneira democrática e não seletiva, através do aprimoramento entre as pessoas envolvidas.

Vale identificar e vivenciar atividades da dança, por exemplo, dentre outras como atividades corporais que fazem parte do cotidiano dos estudantes. O que leva a reprodução e apresentação de movimentos coreografados de determinados estilos. E nisso, cabe a discussão sobre as relações de gênero, relacionando-a com a história da dança, em que quebra estigmas e incentiva a participação de ambos os gêneros nas práticas.

As expressões corporais experimentadas na Educação Física escolar podem por meio dos ritmos das músicas, como na dança, garantir movimentos, cumprimentar os colegas segundo os ritmos das músicas tocadas com diferentes formas por meio de partes do corpo, como costas, mãos, cotovelos, joelhos, entre outros. Acrescido de movimentos diferentes direções para esquerda, frente, direita, diagonal etc. Como também usar movimentos no sentido de afastar-se, deitar-se, estender braços e pernas.

Desta forma, segundo Deive *et al.* (2011) a Educação Física explora todas as possibilidades de conhecimento que o movimento corporal oferece de seus conteúdos específicos. Com exploração de espaços, com envolvimento de

deslocamentos como: andar, correr, quadrupedar, saltar, saltitar, rastejar, rolar, impulsionar-se, girar, combinando em plano educacional.

Com essa perspectiva, as atividades de Educação Física possibilitam a vivência lúdica, criativa, social e cooperativa entre os gêneros no espaço escolar. Ao intensificar os elementos corporais relacionando com os esportes e danças rítmicas.

Assim, essa ideia proposta coloca a masculinidade e feminilidade com marcas de diferentes culturas e práticas sociais que são frutos construídos pela sociedade, por meio de um capital dominante de um sistema que impõe formas de comportamento e naturaliza relações que são construídas. E as tensões provocadas pela multiplicidade de sentidos e significados de feminilidade e masculinidade, mas essas tensões fazem pensar que não há dúvidas em almejar e buscar outros modos de ação. São as denominadas marcas de gênero na educação física escolar, ou seja, a separação de meninos e meninas em foco (DORNELLES, 2011).

Ainda para autor acima, as atividades com as meninas e somente elas próprias de forma recreativa, tem seus sentidos a elas atribuídos como do significado de como a facilidade em determinadas situações de atividades esportivas, já os meninos são vistos como mais competitivos ou com maior facilidade na aprendizagem de práticas esportivas mais exigentes em relação corporal.

Para Silva (2012) a motivação para a prática desportiva nos alunos do ensino básico e secundário tem influência do gênero, idade e nível de escolaridade. As motivações mais valorizadas para a prática desportiva são normalmente a aprendizagem com técnica e trabalho de equipe.

Quando meninos e meninas chegam à escola, já têm interiorizada a maioria dos padrões de conduta discriminatória. Desde quando começam a estudar, já estão definidos social e culturalmente os papéis que meninos e meninas podem ter na escola.

Colaborando com essas afirmações, Ferreira (2001, p. 430) define gênero como:

A forma como se manifesta, social e culturalmente, a identidade sexual dos indivíduos, ou seja, é como se apresentam na sociedade, as diferenças percebidas entre os sexos sejam estas diferenças, biológicas, sociais ou culturalmente construídas.

Outra contribuição para apoio teórico ao trabalho é a ideia de que a expressão "gênero" começou a ser utilizada justamente para marcar que as

diferenças entre homens e mulheres não são apenas de ordem física, biológica.

Nesse sentido, Louro (2000, p. 60) enfatiza que:

Falar de relações de gênero é falar das características atribuídas a cada sexo pela sociedade e sua cultura. A diferença biológica é apenas o ponto de partida para a construção social do que é ser homem ou ser mulher. Sexo é atributo biológico, enquanto gênero é uma construção social e histórica. A noção de gênero, portanto, aponta para a dimensão das relações sociais do feminino e do masculino.

Ainda referindo-se às definições de gênero, podemos dizer que este se refere às relações sociais desiguais de poder entre homens e mulheres, que são o resultado de uma construção social do papel do homem e da mulher a partir das diferenças sexuais.

Alves e Pitanguy (1985) conceituam gênero:

Como uma construção sociocultural, que atribui a homem e mulher papéis diferente dentro da sociedade e depende dos costumes de cada lugar, da experiência cotidiana das pessoas, bem como da maneira como se organiza a vida familiar e política de cada povo.

Portanto, após a definição de gênero, a preocupação se centra na melhor forma de relacionar essa discussão às aulas de Educação Física. Nesse contexto, é importante ressaltar as ideias de Swain (2001, p. 81):

A sociedade humana é histórica, muda conforme o padrão de desenvolvimento da produção, dos valores e normas sociais. Na medida em que ocorre a transformação, atinge as representações de gênero, que constituem os papéis de cada um em seu modelo de ser. É uma construção cultural que transcende os séculos, passando pelas representações transmitidas de geração em geração e que, constituída em “cultura”, define o lugar do homem e da mulher com âmbitos diferenciados e antagônicos. Mesmo com a grande transformação dos costumes e valores que vem ocorrendo nas últimas décadas, ainda perduram muitas discriminações, muitas vezes ocultas, relacionadas a gênero.

É preciso, portanto, estar atento às mudanças que cada vez mais ocorrem em nossa sociedade: os lugares que antes eram específicos de homens ou específicos de mulheres, hoje, em que a sociedade, podem ser ocupados por ambos.

Com isso não se tem a intenção de negar a biologia dos corpos, mas de enfatizar a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas. Dessa forma, gênero seria uma construção social que demarca homens e mulheres como produtos da realidade social e não uma decorrência da anatomia dos seus corpos.

Nesse sentido, as Diretrizes Curriculares (PARANÁ, 2008, p. 62) enriquecem o assunto ao expor que:

A forma com que homens e mulheres se manifestam na sociedade é parte de um aprendizado que ensina a agir conforme as prescrições de cada gênero, criando uma dicotomia entre o masculino e o feminino, institucionalizada, muitas vezes, pela concepção biológica sobre o corpo.

A vida em sociedade se faz de relações humanas e, para que relações de diferentes grupos não se transformem em relações desiguais e conflitantes, é essencial que todos aprendam a respeitar e conviver independentemente de suas expressões de gênero. A escola e as aulas de Educação Física, principalmente, devem ser um meio fundamental para a discussão e a aplicação do conteúdo gênero dentro da sala de aula.

Frequentemente, em sua prática diária, o professor de Educação Física se depara com certas fragilidades no processo de ensino-aprendizagem no que tange ao trabalho com o conteúdo gênero. Isso ocorre por não haver um trato pedagógico que envolva o alunado como um todo, o que, muitas vezes, acaba separando as meninas dos meninos na hora dos jogos, ou até mesmo excluindo-as.

É consenso neste trabalho que as aulas de Educação Física não deveriam ter conteúdos pré-determinados tendo como critério o gênero, pois partimos do pressuposto que tanto homens como mulheres podem exercer e praticar a mesma modalidade e os mesmos conteúdos.

Nesse contexto, acredita-se que uma mudança nos conteúdos das aulas de Educação Física é fundamental para garantir diversificação de experiências aos/as educandos/as no amplo repertório da cultura corporal, fundamental nessa fase do ensino, como também nas demais. Dentro da escola, principalmente nas aulas de Educação Física, um dos fatores que fortalecem as diferenças entre meninos e meninas é a seleção de conteúdo.

Para Altmann (1999, p. 15):

Há uma grande evidência de que o esporte é uma atividade predominantemente masculina e de fundamental importância na construção da identidade deste gênero, ou seja, é importantíssimo que os (as) educadores (as) proporcionem atividades que ofereçam condições aos (as) educandos (as) de superarem as relações de gênero e não o contrário, como geralmente acontece com o esporte.

Acredita-se que devam ser criada situações que desconstruam as questões de gênero para que ambos possam realizar e praticar as mesmas atividades. O professor deve estar sempre atento para criar possibilidades para ambos, tanto homens como mulheres, desconstruindo, assim, estereótipos de gênero.

4 METODOLOGIA

A seguir algumas especificidades quanto a pesquisa, de forma que evidencia os principais pontos base para sua realização, sobretudo no tocante aos processos, local e instrumentos utilizados.

4.1 Tipos de estudo

A pesquisa presente surgiu por meio de observações empíricas realizadas na disciplina Educação Física no Ensino Fundamental, tendo em vista que o curso de licenciatura tem disciplinas onde a prática compõe parte dos componentes curricular obrigatoriamente.

Nesse sentido, o trabalho se volta de forma metodológica de um estudo descritivo, fenomenológico e hermenêutico realizado nas bases de dados em periódicos, revistas científicas e bibliografias afins, de natureza qualitativa. E busca compreender mais quanto a temática já ocupa um espaço de discussões de forma salutar na atualidade, embora ainda sobre uma forte influência construída historicamente e enraizada na sociedade sobre a participação das meninas nas aulas de Educação Física no Ensino fundamental.

Segundo Yin (2005), o estudo ou pesquisa de obras e autores diferentes quanto a um caso em específico ou tema faz “observação direta ao coligir dados em ambientes naturais”, o que é diferente de confiar em “dados derivados”.

Esta pesquisa segue a linha de trabalho de pesquisa qualitativa, conforme Lakatos e Marconi (2003), sendo o objetivo principal interpretar o fenômeno que observa, sendo que os seus principais objetivos são: a observação, a descrição, a compreensão e o seu significado.

Para autora ainda os métodos científicos são base para ter ciência no trabalho, sendo que não há ciência sem utilização dos métodos científicos, sendo a maneira mais econômica e segura no alcance dos objetivos, que detecta erros e auxilia nas decisões do pesquisador (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 83).

4.2 Período do estudo

A pesquisa se deu entre os meses de julho a outubro de 2019 com base em levantamentos de bibliografias e documentos relacionadas a temática em questão. E a partir destes feitos estudos, análises e definição das principais nuances da área e suas implicações.

Conforme Lakatos e Marconi (2003) os locais de foco de pesquisa definidos com base na sua natureza social, econômica, familiar, profissional, relativos às suas opiniões, à atitude em relação a opções ou a questões humanas e sociais, às suas expectativas, ao seu nível de conhecimentos ou de consciência de um acontecimento ou de um problema.

4.3 Instrumento de coleta de dados

Os dados foram coletados com base em observação e análise de obras e documentos oficiais brasileiros voltados para área em estudo. Levando em consideração períodos e autores com registros históricos e contemporâneos relativos ao campo escolhido para exploração e descrição.

Os dados são coletados levando em consideração a aplicação de instrumentos elaborados e técnicas selecionadas, o que exige tempo, paciência, perseverança e esforço pessoal com registros (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 165).

4.4 Análise dos dados

A análise de dados relativos à situação histórica e atual quanto a relação de gênero nas práticas esportivas educacionais e informações levantadas. Na perspectiva de servir de base bibliográfica seguindo a ordem de importância quanto ao que há de mais contundente nas discussões em revistas, artigos, livros, congressos nacionais e internacionais que pautam esse tema.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, percebe-se a influência da sexualidade manifestada em todas as fases da vida do ser humano, desde o nascimento além sua morte. O que é possível por meio das observações empíricas quanto a temática e confirmada pela literatura pertinente e atual. Sendo na escola um ambiente formulador e praticante de metodologias que responde a cada tempo e sociedade seu de necessidades conforme suas visões.

E nesse sentido, por desde trabalho alguns apontamentos são possíveis na área, uma vez que segundo as fontes de pesquisas que norteiam em torno de potenciais formas de apoio a compreensão mais assertiva quanto ao campo estudado, bem como as formulações de diretrizes para direcionar as práticas esportivas de modo igualitário. Em que a ampla perspectiva da participação da mulher nos espaços esportivos educacionais seja indiferenciada sob quaisquer aspectos.

Assim, fica perceptível que o sexo feminino e o masculino se constroem a partir das relações sociais, em nenhum momento em separados, numa direta relação com o outro. E o que é observado na realidade, e embasado aqui, mostra ser nuances de quebra de paradigma com vista a novas formulações que atendam às demandas da atualidade no que pensa a sociedade sobre o tema e no que concede o Estado em políticas públicas. Não em oposição, mas em articulação com outras categorias, dentre as quais, como classe, etnia, religião. O que denota, compreender acima de tudo que vale entender a princípio, que é preciso desconstruir a polaridade rígida dos gêneros afirmados e reproduzidos historicamente.

Nos registros dos autores explorados na pesquisa corroboram que o entendimento das relações entre sexos opostos quanto a convivência dos estudantes no ambiente escolar, denominada de questão de gênero na escola, tem sido pauta de acaloradas discussões, quanto ao mérito da temática desde sua aplicabilidade educacional no ensino fundamental e que tem ganhado mais espaço e importância atualmente. Algo que vai ao encontro das observações atuais pesquisas na realidade.

As contribuições quanto ao conteúdo de gênero nas aulas de Educação Física Escolar fazem-se necessárias como aspectos diretos de proposições sobre a prática da Educação Física, como fim. Em que vale pautar-se das contribuições desta, no processo de construção do conteúdo gênero.

Para tanto, percebemos que é desta forma que o espaço educacional pode tratar essa situação em que provocará os estudantes e lhes possibilitará potenciais soluções em conformidade com os pensamentos da atualidade quanto a temática, de forma a mudar os paradigmas e pensamentos sociais, se assim for necessário.

Sendo assim, diante dos apontamentos, entende-se que as relações de gênero presentes no cotidiano escolar são impertinentes, cabendo assim ao professor saber como lidar com certas situações.

Deste modo, conhecer as formas e os conceitos de entendimentos quanto a questão de gênero no ambiente escolar com suas conquistas e desafios enfrentados no cotidiano educacional, tem relevância para a construção social de um ambiente escolar mais salutar com as demandas dos dias atuais.

Dito, isso o trabalho contextualizou com êxito a compreensão da questão de gênero no ambiente educacional, de forma que obtêm fundamento nos conhecimentos sobre as principais limitações e desafios na área educacional em aulas de Educação Física no Ensino Fundamental, bem como dos aspectos elencados sobre as conquistas e diretrizes educacionais em potencial de construção do processo de ensino e aprendizagem com essa temática.

REFERÊNCIAS

- ALTMANN, H.; AYOUB, E.; AMARAL, S. C. F. **Gênero na prática docente em Educação Física: “meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar”?** Estudos Feministas, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 491-501, maio/ago. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2011000200012>. Acesso em: 18 jul. 2019.
- ALTMANN, Helena; SOUSA, Eustáquia Salvadora de. **Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar.** In: Cadernos Cedes, ano XIX, 1999.
- AUAD, Daniela. Educação para a democracia e co-educação: apontamentos a partir da categoria de gênero. 2006. **Revista USP.** São Paulo, n.56, p. 136-143, dezembro/fevereiro 2002- 2003.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: educação física.** Brasília: MEC. 1998.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário oficial, 23 de dezembro de 1996. Poder Executivo. Brasília, Disponível em: http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/2762/ldb_5ed.pdf. Acesso em: 13 ago. 2019.
- BRACHT, Valter. **A constituição das teorias pedagógicas da educação física.** In: Caderno Cedes, Campinas, ano XIX, 48, pp. 69-88, ago. 1999.
- COSTA, Maria Regina Ferreira et al. Educação Física e a Co-educação: Igualdade ou Diferença? **Rev. Bras. Cienc. Es/porte.** Campinas. V. 23. N. 2. p. 43-54, jan. 2002
- CRUZ, M. M. S.; PALMEIRA, F. C.C. **Construção de identidade de gênero na Educação Física Escolar.** Motriz, Rio Claro, v.15, n.1, p.116-131, jan./mar. 2009.
- CAMPOS, A. F. *et al.* A questão de gênero nas aulas de Educação Física. **Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, lazer e Dança.** Santo André, v. 3, n. 3, p. 79-88, set. 2008.
- DORNELLES, P; Fraga A. B. Aula mista versus aula separada? Uma questão de gênero recorrente na educação física escolar. **Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física.** 2011.
- DEVIDE, F. P; OSBORNE, R; SILVA, ER; FERREIRA, RC; CLAIR, ES, NERY, LCP. **Estudos de gênero na educação física brasileira.** Motriz, São Paulo, 2011.
- DEVIDE, Fabiano Pries; JESUS, Mauro Louzada de. **Educação física escolar, co-educação e gênero: mapeando representações de discentes.** In: Movimento, Porto Alegre, v.12, n. 03, p. 123-140, setembro/dezembro de 2006.

FERREIRA, A. B. H, de, 1910-1989. **Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa / Aurélio Buarque de Holanda; coordenação de edição, Margarida dos Anjos... [et al.].** 4. ed. rev. ampliada. Rio de Janeiro: Nova Friburgo, 2001.

GARRET, R. **Negotiating a physical identity: girls, boys and physical education.** Sport, Education, and Society, 2004.

HILLS, L. **Friendship, physicality, and physical education: an exploration of the social and embodied dynamics of girls' physical education experiences.** Sport, Education and Society 2007.

JACO, J. F. **Educação Física escolar e Gênero: diferentes maneiras de participar da aula.** 2012. Dissertação (Mestrado) --- Curso de Pós-graduação em Educação Física, Unicamp, Campinas, 2012.

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis: Vozes, 2000.

MEYER, E. D. **Gênero e Educação: teoria e política.** In: LOURO, L. G.; NECKEL, F. J. 2003.

MCDERMOTT, L. **A qualitative assessment of the significance of body perception to women's physical activity experiences: revisiting discussions of physicalities.** Sociology of Sport Journal 2000.

NOGUEIRA, M. S.; RODRIGUES, A. M. S. **Meninos, meninas ou todo mundo junto? A questão do gênero nas aulas de educação física nas escolas da região sudeste da rede Pública municipal de Teresina.** In: III Encontro de Educação Física e áreas Afins. Núcleo de Estudo e Pesquisa em Educação Física (NEPEF) / Departamento de Educação Física / UFPI, AnAIS... Teresina, p.1-6, out. 2009.

NOGUEIRA, M. S.; RODRIGUES, A. M. S. **Meninos, meninas ou todo mundo junto? A questão do gênero nas aulas de educação física nas escolas da região sudeste da rede Pública municipal de Teresina.** In: III Encontro de Educação Física e áreas Afins. Núcleo de Estudo e Pesquisa em Educação Física (NEPEF) / Departamento de Educação Física / UFPI, Anais... Teresina, p.1-6, out. 2008. Disponível em: <http://www.ufpi.br/subsiteFiles/def/arquivos/files/MENINOS,%20MENINAS%20OU%20TODO%20MUNDO%20JUNTO.pdf>. Acesso em: 25 set. 2019.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica: Educação Física, Jam3 Comunicação,** 2008.

PITANGUY, J. **O que é feminismo.** 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação.

Departamento da Diversidade. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. **Caderno Temático de Sexualidade**. Curitiba, PR. Imprensa Oficial do Estado do Paraná, 2008, p. 49-58. (Coleção Cadernos Temáticos da Diversidade).

PEREIRA, V.; DEVIDE, F. <http://www.efdeportes.com>. **Revista Digital** - Buenos Aires - Ano 12 - Nº 118 - Março de 2008.

QUEIROZ, D. T. *et al.* **Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde**. revista Enfermagem UERJ, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 276-283, 2007.

SARAIVA, Maria do Carmo Oliveira. **Por que investigar gênero na educação física, esporte e lazer?**. In: Motrivivência, ano XIII, 2002.

SILVA, P.; GOMES, P. B.; QUEIRÓS, P. **Educação Física, Desporto e Género: o caminho percorrido na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (Portugal)**. Movimento, Porto Alegre, v.12, n. 01, p. 31-58, jan./abr. 2006.

SILVA, Almir Aguiar; POLI, Jonas de Jesus Carvalho; PEREIRA, Dimitri Wu. Iniciação ao slackline: uma proposta de ensino. EFDeportes.com. **Revista Digital**. Buenos Aires, Año 18, Nº 184, Septiembre de 2012.

SCOTT, J.W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SWAIN, T.N. Feminismo e recortes do tempo presente: mulheres em revistas "femininas". **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 67-81, 2001.

VIANNA, C; Finco D. **Meninos e meninas na educação infantil: uma questão de gênero e poder**. Cadernos Pagu, 2009.

YIN, R. K (editor). **Apresentando o mundo da educação**. Um leitor de estudo de caso. Mil Carvalhos: São Paulo, Sábio Publicações, 2005.

XIMENES, Sérgio. **Minidicionário Ediouro da Língua Portuguesa**. 2ª Ed, reform. São Paulo: Ediouro, 2000.